

## IV

## A VARIOLA

Regressando á França, Suzana demorou-se em Paris duas semanas, preenchidas com pequenas excursões e passeios ociosos.

Podia notar-se-lhe agora certa mudança de atitudes, tanto que se aproximou da casa de Madalena, a pretexto de lhe ser útil, de alguma sorte, nos dias aziagos da enfermidade de sua mãe.

A espôsa de Cirilo, enfretando hereticamente as dificuldades da situação, recebeu a visita com afeto e reconhecimento. A filha de Jaques lhe satisfez as minimas perguntas sôbre o embarque, o navio, as disposições do companheiro. Suzana tinha uma resposta pronta a cada inquirição, em sua afabilidade artifiosa. A nota mais interessante, contudo, é que Antero de Oviedo, incumbido de trabalhar algum tempo em París, na transferência de importantes documentos para Versailles, aproximou-se da moça de Blois, de maneira surpreendente. A propria prima notou com simpatia semelhante atração, encorajando-lhes os sentimentos afetivos, pois Madalena sempre se preocupara com a sorte do rapaz, que crescerá a seu lado, como irmão. À noite saíam, por vezes, a sós, frequentando o teatro ou excursionando ao luar, sôbre as aguas do Sena.

A filha de D. Inácio enganava-se, porém. Antero de Oviedo deleitava-se na sua companhia, porque Suzana parecia possuir a chave que lhe abria o coração onusto de paixões secretas e violentas. Ela começou a conquis-

tar-lhe o espírito, revelando suas inclinações pelo filho de Samuél Davenport, discretamente, sondando-lhe os pensamentos. Retribuindo essas provas de confiança, o rapaz iniciou igualmente as suas palestras confidenciais, compreendendo que defrontava a primeira inimiga do venturoso casal. Na quinta noite de conversação solitária, entendiam-se francamente. Ambos estavam satisfeitos com o ensejo de um desabafo. Suas observações convergiam, invariavelmente, para os caprichos do destino. Antero teimava em afirmar que não conseguia esquecer a prima, enquanto a jóven irlandesa confessava abertamente que não renunciaria aos seus propósitos, e continuaria aguardando o ensejo de provar a Cirilo a intensidade do seu amor. Aquilo que a família Vilamil apreendia como afeição, entre os dois, era um desvairamento sem limites, oriundo do ódio que ambos alimentavam.

Afinal, Suzana regressou a Blois, deixando na casa de Santo Honorato alegres e confortadoras impressões sôbre o futuro do sobrinho de D. Inácio. Ao desperdir-se, Madalena abraçou-a confiante e lhe pediu rogas a Deus pela paz e saúde de Cirilo na América. Envioi ainda, por seu intermédio, breve mensagem a Jaques Davenport, lembrando-lhe que teria imenso consôlo e justo prazer com a sua visita a D. Margarida, a quem parecia restar poucas semanas de vida, concluindo com votos afetuosos e protestos de nimia dedicação e desvelado carinho.

Dois meses decorridos sôbre a partida de Cirilo e a vida na casa dos Vilamil seguia monótona e repassada de especulativas amarguradas. Antero sentia-se quasi feliz, achando-se como dantes, na qualidade de único rapaz a conviver com Madalena, sob o mesmo teto, entre as vibrações fraternais do ambiente doméstico. Horas a fio, mirava-lhe o semblante que a dor espiritualizava; seguia-lhe o movimento das mãos, como se atendesse a determinação de poderoso íman. Experimentava imensos desvelos pela prima e no entanto não se furtava ao ciúme violento, á paixão rude que o torturava de rijo, desde o dia em que ela se lhe escapara dos braços esperançosos. Alimentava o secreto desejo de que Cirilo se

perdesse para sempre nos caminhos desconhecidos das terras inexploradas, a-fim-de conquista-la devagarinho, entre amarguras, tormentos, dificuldades. Confiava em que o rival não tornaria á Europa e que a prima, fatiada na luta, se lhe rendesse aos caprichos, aceitando-lhe o amparo, mais tarde ou mais cedo, nas reviravoltas do destino.

Atendendo a tais designios, depois de procurado, certo dia, por um dos credores mais exigentes de D. Inácio, recordou a soma que o marido de Madalena confiara ao fidalgo e recomendou-lhe consultasse o devedor em sua propria casa, quanto ás possibilidades do pagamento. Ouvindo-lhe o parecer, o inflexível Sr. de Aurincourt dirigiu-se ao bairro de Santo Honorato, onde o antigo fidalgo lhe recebeu a visita, em companhia da filha.

Sem muitos preambulos, o credor atacou diretamente o assunto, em presença da jóven senhora, acrescentando com alguma aspereza:

— Como o senhor não ignora, seu título vencido ha muitos meses tem-me esgotado a paciencia.

O tio de Antero corou, não sómente em virtude da cobrança, como pelo modo por que era tentada, naquela sala, diante da filha, que êle desejava manter alheia ás suas dificuldades e que acompanhava o desdobramento do assunto, vexada e compungida.

— Compreendo a exigencia, Sr. Aurincourt — retrucou o velho espanhól, perdendo o bom humor natural — no entanto, continuo em disponibilidade, aguardando apenas uma determinação de Sua Majestade para me serem pagos os devidos vencimentos.

— Sinto muito — tornou o credor — mas nada combinei com o soberano e sim convosco. Não lhe podia emprestar dinheiro confiando em pessoas alheias. Confei meus recursos á sua honra de fidalgo e não posso aceitar estes seus argumentos. Alem do mais, espero as suas oportunidades ha quanto tempo?

A última frase, pronunciada em tom sarcastico, pairou no ar enquanto D. Inácio, confuso, buscava em vão um novo motivo para justificar-se. Muito pálida, reco-

nhecendo a perturbação do progenitor, Madalena interrogou com serenidade e nobreza:

— Qual é a importancia do título?

— Oito mil francos — respondeu o visitante.

E a jóven senhora, com a expressão confortada de quem se achava em condições de atender á dignidade ferida, acentuou:

— Será razoavel, meu pai, que o senhor resgate o título hoje mesmo.

— Entretanto... — resmunhou D. Inácio indeciso, refletindo se devia aceitar o oferecimento da filha.

— Cirilo e eu — continuou Madalena solicita — temos prazer em que o senhor se utilize dos nossos recursos.

D. Inácio, que sempre encontrava um dito chistoso no seu proverbial bom humor, para enfrentar as situações mais dificeis, não sabia como dissimular a inquietação do sentimento paternal, mas, ante as palavras resolutas da filha e observando o cúpido olhar do credor, demandou o interior doméstico, extremamente desapontado e trouxe a quantia recebendo o título, de mãos trémulas, depois de lançar á filha um olhar de sincero reconhecimento.

Ao fim de quatro meses, após a partida de Cirilo, a situação em casa era das mais penosas. Cresciam as obrigações forçadas dos aluguéis do velho prédio, as despesas com o lacaio e duas servas, os dispêndios com o tratamento da enferma, as inadiáveis aquisições de gêneros e utilidades domésticas. Não obstante o auxilio de Antero, o quadro íntimo era formado de amargas apreensões. A saúde de D. Margarida ia de mal a pior, impondo á filha profundos desgostos e dolorosas vigílias.

Certa vez em que mãe e filha comentavam as aperturas do lar, D. Margarida lembrou duas velhas amigas da infancia, em ótima situação financeira. Eram as senhoras Josefina Fourcroy de Falguiere e Alexandrina de Saint-Medard, que lhe haviam sido companheiras de meninice, nos dias formosos do pretérito, em Toulouse. Quem sabe estariam dispostas o auxilia-las com o empréstimo de algumas centenas de francos? Essa idéia acendeu

muitas esperanças no cérebro cansado da enferma. Certamente, ouvir-lhe-iam o apelo, ajudando-a naquelas agustiosas circunstâncias, com a desejarvel discreção. Madalena ouviu as sugestões da progenitora, que lhe pediu as procurasse em particular, consultando-as em seu nome, para que fôssem atendidas as necessidades mais urgentes. A espôsa de Cirilo, no íntimo revoltava-se contra os propositos maternais; todavia, como proceder ante a insistencia da enferma querida, de cuja ternura sempre havia recebido os mais ternos carinhos? D. Margarida não desejava importunar o sobrinho em cousas minimas e supunha que o expediente seria bem sucedido. Madalena não podia desatender aos seus desejos afetuoso.

Um dia, de manhã, demandou a rua das Nonaindiéres e parou em frente da Abadia dos Celestinos, em cuja vizinhança se levantava a residência aristocrática de Madame Falguière, que a recebeu depois de largo movimento de criados arrogantes, em face dos seus trajes modestos. Expôs, humilhada e receosa, o motivo da visita e no entanto, as maneiras tímidas e sinceras não comoveram a dona da casa, que respondeu altivamente:

— Lamento muito não poder servi-la, pois ha de reconhecer que sua mãe é apenas minha conhecida de tempos remotos e não existe entre nós credenciais de intimidade que justifiquem qualquer apelo a meu marido, em seu favor.

— Ah! sim! comprehendo... — murmurou Madalena afogando as lágrimas no peito.

— Diga á Margarida — prosseguiu a velha dama com rigorosa austeridade — que se resigne com a situação. Quanto a mim, é preciso que ela saiba que, se fui bafejada por um casamento feliz, tenho a vida repleta de grandes dissabores. Se os pobres padecem com as necessidades, os abastados sofrem muito mais com as obrigações.

E depois de um olhar impiedoso e severo para com a visitante humilhada, acentuou:

— Além disso, você está moça e não será difícil arranjar trabalho. Que quer, minha filha? São as con-

tingencias da sorte. Ha muitas casas nobres a procura de governantas.

A moça ruborizou-se. Não saberia dizer se a sua emoção originava-se na dignidade ofendida, se na extrema vergonha que lhe cobriu o coração. Quis lançar-lhe em rosto a repugnancia que sua descaridosa atitude lhe causava, mas limitou-se a responder:

— De qualquer modo, senhora, minha mãe e eu lhe ficamos reconhecidas. Deus permita que nunca venha experimentar nossa angústia.

A senhora Falguière esboçou um sorriso intraduzivel e Madalena saiu, tomada de repulsa, quasi em desesperação. Em plena rua enxugou as lágrimas e refletiu se deveria procurar a Senhora de Saint-Medard, á vista do insucesso da primeira tentativa. Experimentou sincero desejo de furtar-se a nova humilhação, mas recordou as lágrimas da maezinha doente, quando rememorava os antigos tempos de alegria com as inolvidaveis companheiras da infancia em Toulouse. D. Margarida estava tão confiada na sua afeição sincera, que a espôsa de Cirilo considerou praticar uma falta se deixasse de ir até o fim. Mergulhada em profundas cismas, concluiu que tudo deveria fazer por amor á progenitora. Possivelmente, a outra amiga seria mais condescendente e razoavel. Nessa esperança, procurou outra casa elegante nas proximidades do mesmo local. Anunciada por lacaios solícitos, foi recebida numa ante-sala luxuosa por velha senhora que, pelos modos, parecia mais rígida e protocolar que a primeira. Só então, a filha de D. Inácio pressentiu que a experiencia, ali, talvez lhe fôsse mais dolorosa.

No seu natural acanhamento, expôs o motivo da visita, mas a Senhora de Saint-Medard fixando-a com estranheza, falou com ar escarninho:

— Ah! recordo-me sim, você é Madalena, pois não?

— Para servi-la, minha senhora.

— Você já leu, porventura, uns versos do Sr. Lafontaine (1) sobre a cigarra e a formiga?

(1) As Fábulas de LaFontaine, em seu conjunto, surgiaram entre 1668 e 1693, mas, como trabalhos isolados algu-

Madalena estranhou a pergunta, mas, na ingenuidade de quem repousa com boa fé, guardando no coração sinceridade cristalina, retrucou sem a menor preocupação:

— Sim, mas que deseja dizer com isso?

— Pois diga á D. Margarida — continuou a Senhora de Saint-Medard, com profunda ironia — que ela e D. Inácio muito cantaram em Granada e que é justo dansarem agora em Paris.

Madalena ficou lívida. Na primeira porta, encontrara fria altivez; na segunda escárneo cruél. Contemplou a interlocutora com o pranto a lhe saltar dos olhos e exclamou:

— Passe bem, senhora.

Desceu a escada, ás pressas, com as idéias em torvelinho. Atravessou o jardim e viu-se em plena rua, sem se deter na observação de cousa alguma. As lágrimas molhavam-lhe o rosto, ao passo que, em seu coração, furiosa tempestade de revolta abafava-lhe os sentimentos. Onde guardara as fôrças morais para não revidar o insulto execravel? Percorria ruas e praças, a pé, automaticamente, engolfada na repulsa que lhe dominava o espírito. Na imaginação superexcitada via a velha progenitora, quasi agonizante, a confiar nas afeições falazes e o pai senescente, sem energias para defender o lar da ironia dos ingratos. Se as suas lagrimas eram de amargura, originavam-se muito mais na humilhação dos melindres filiais.

Ao dobrar uma esquina, porém, num recanto solitário, deparou um nicho da tradicional devoção popular, que lhe chamou a atenção. Inexplicavelmente, sentiu súbita necessidade de orar, de maneira a afugentar os pensamentos de revolta e amargor. Encaminhou-se ao oratório da fé pública e viu a imagem de Jesus Crucificado, simples, sem adornos, apenas encimada por minúsculo teto de madeira, que resguardava a obra de arte das in-

mas já eram conhecidas em Paris no ano de 1663, que assinalou justamente a entrada do poeta para a Academia. — Nota de Emmanuel.

tempéries. Contemplou, enlevada como nunca, a relíquia do povo e orou; através do véu de lágrimas, pelas chagas sangrentas e pela corôa de espinhos que pendia da fronte dilacerada. Como simples criatura anônima, ajoelhou-se no pó da via pública, invocando a proteção do "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Nesse momento em que se humilhava, qual jamais fizera em ato de contrição religiosa, a filha de D. Inácio experimentou uma sensação de consôlo que jamais conhecera, em tempo algum. Dir-se-ia que sua alma sofredora assinalava à presença de um anjo, invisível aos olhos mortais, a passar-lhe as mãos pela fronte com suavidade caríciosa. Doceas emoções de maternidade elevaram-se-lhe do coração ao cérebro. A consciência parecia dilatada a uma esfera de compreensão divina. Ao bafejo da energia desconhecida, chegava á conclusões rápidas e profundas. A dor não mais a humilhava, antes lhe engrandecia o coração. Sentia algo semelhante a uma voz falando-lhe no imo da alma, em vibrações de suave mistério. Teve a impressão indefinível de que alguém lhe tomava o braço com afagos brandos, convidando-a a erguer-se. Nunca soubera pensar em Cristo como naquela hora inesquecível. Em poucos momentos, os olhos estavam enxutos. O profundo e carinhoso nome de mãe ressoava-lhe no peito como incompreensível e sublime esperança. Quem era o homem da Terra, e quem era Jesus? Essa pergunta que se lhe apoderara da mente, como se fôra sugerida por alguém, de um plano mais alto, proporcionava-lhe infinita consolação a alma ferida. As angústias do dia se desvaneceram como incidente fugaz. Os algozes do Cristo deviam ter sido muito mais cruéis que as senhoras de Falguière e Saint-Medard, que não passavam, aliás, a ajuizar por sua conduta, de duas mulheres ignorantes e orgulhosas, a abusar das possibilidades do mundo. E que era a máqua sua comparada á do Mestre que se imolara pelos pecadores? Sofria muito naquela hora, em retribuição aos carinhos e dedicações maternais; mas Jesus aceitara o madeiro por amor aos bons e aos maus, aos justos e aos injustos. Beijou então, comovidamente, a pequena cruz e encaminhou-se

para casa, sentindo-se amparada por uma força invisível que jamais conseguiria definir.

Abraçando a maezinha doente, sentiu que era indispensável mentir para confortar; esconder a verdade dura, de modo a não abrir chagas mais cruéis. Sentindo-se forte e bem disposta ao influxo das forças desconhecidas que a amparavam, beijou a enferma com muito carinho, enquanto esta a interrogava com um sorriso de confiança:

— Chegaste a obter pelo menos mil francos, minha filha?

— Infelizmente, minha mãe, as nossas amigas não estavam em casa.

— Oh!.. exclamou a doente sem disfarsar a tristeza súbita.

E começou a lembrar outros nomes, desejosa de encontrar um recurso pronto para a situação. Mas a filha percebendo que seu espírito, cheio de boa fé, voltaria a renovar as solicitações afetuosas, procurou confortá-la dizendo:

— O essencial, mamãe, é que a senhora fique tranquila, sem preocupações. De outro modo, não alcançará as melhorias desejadas. Jesus não nos esquecerá. Além disso, o tio Jaques não tardará a chegar. Amigo de nossa confiança, sentir-nos-emos mais à vontade para tratar dêsse empréstimo.

— Ah! sim, será mais prático... Esperaremos — disse D. Margarida resignada.

E Madalena tinha razão, porque Jaques Davenport daí a três dias batia-lhe à porta em visita afetuosa. A sobrinha sentiu imensa alegria apertando-lhe as mãos benfeizas. Depois de palestra cordial com D. Inácio Vilamil, o bondoso amigo entrou a ver a querida enferma, considerando muito grave a situação, pelo seu penoso abatimento.

Psicólogo profundo, o educador de Blois leu no semblante de Madalena a expressão do velado martírio doméstico.

D. Margarida, altamente confortada com a visita, contava, em detalhes, seus padecimentos diuturnos. Dormia pouquíssimo em vista das aflições ininterruptas; ali-

mentava-se com extrema dificuldade, por ter o estômago ferido, intoxicado pela multiplicidade das drogas em uso; as pernas muito inchadas impediam-lhe os movimentos livres, forçando a filha a exhaustivos esforços. Jaques reanimou-a, sinceramente comovido, comentando a situação de outros doentes em situação mais precária, afirmava ter visto casos idênticos, com sintomas mais graves e que, no entanto, não passavam de fenômenos orgânicos passageiros, em certas fases de desequilíbrio físico. A doente sorria, quasi satisfeita, a demonstrar novo ânimo no semblante abatido, mas, na intimidade, quando se retirou do aposento, Jaques chamou a sobrinha de parte, mudou de semblante e falou penalizado:

— Minha filha, Deus te concede forças para a luta, porque tua mãe está vivendo os derradeiros dias.

— Compreendo! — murmurou ela enxugando uma lágrima.

— Apéga-te à fé, Madalena. Em tais instantes, o socorro humano, por mais eficiente que o consideremos, é sempre precário. Devemos estar certos, porém, de que Deus tem um bálsamo para todas as angústias do coração.

A sobrinha não conseguiu responder, sentindo que a emoção lhe constringia a garganta, mas, penetrando as necessidades mais sutis, e, longe de ferir o coração da filha, com expressões menos generosas, o carinhoso amigo acrescentou:

— Madalena, Cirilo me recomendou, no último encontro em Blois, te trouxesse quinhentos escudos que representam velha dívida minha para com ele. Guarda-os. Neste transe, não faltará ensejo de os empregar utilmente. E na hipótese de necessitares mais alguma coisa, não te esqueças, filha, que me encontro a teu lado para todas as providências que se façam precisas.

A filha de D. Inácio recebeu os mil e quinhentos francos da lembrança generosa, imensamente comovida. Consoladora satisfação inundou-lhe a alma, porquanto, era possível atender agora aos pequenos caprichos da enferma, a quem encheu de mimos, entre doces ternuras do coração.

Jaques esperou no dia seguinte o Dr. Dupont, com quem se manteve em demorada conferência. Aquelas manchas violáceas que a doente apresentava á flor da pele, não o enganavam. O médico reafirmou-lhe a convicção, declarando, discretamente, que D. Margarida não podia viver mais de uma semana. A vista do prognostico, o educador de Blois adiou o regresso, na intenção de ser util aos Vilamil em alguma cousa.

Com efeito, a matrona piorava dia a dia, dando a todos impressão dolorosa de uma lenta agonia. Não permitia que a filha se afastasse, um minuto sequer. Falava-lhe, comovedoramente, do futuro e pedia-lhe que embarcasse para a América, a reunir-se ao espôso, tão logo lhe fechassem a cova. Nada obstante, rogava-lhe igualmente por Antero, por quem sempre experimentava desvelos maternais. A situação de D. Inácio era tambem objeto de suas conversações "in extremis". A pobre senhora não sabia como aliviar soluções a Madalena, que a ouvia, olhos marejados de pranto. O velho fidalgo acompanhava os sofrimentos físicos da espôsa, com o coração angustiado, enquanto o sobrinho, que lhe consagrava imensa afeição, desdobrava-se em atenções e sacrifícios para que fôssem satisfeitos os seus menores desejos. Jaques Davenport, ali estava cabisbaixo e silencioso, aguardando o fim daqueles padecimentos, que parecia muito próximo.

Na derradeira noite, D. Margarida confessava-se aliviada e mais lúcida. Tal circunstância alegrava a todos, enchendo os parentes de sinceras esperanças. Os homens e as servas recolheram-se mais cedo; Madalena, porém, conservando no espírito sombrios presságios, manteve-se vigilante ao lado da progenitora, que parecia mais calma e repousada.

Sentindo-se só com a filha, D. Margarida mirou as unhas roxeadas, levou a mão ao peito como a examinar o próprio coração, e falou compassadamente:

— Madalena, esta melhora é a primeira visita da morte. Não nos devemos iludir.

— Ora, mamãe — turturinou a espôsa de Cirilo depois de um beijo afetuoso — não fales assim. O médico

retirou-se hoje muito satisfeito e papai ficou tão contente!...

A enferma ouviu-a atenta, patenteando grande comocão nos olhos razos de lágrimas.

— O Dr. Dupont poderá ter falado com otimismo a Inácio, mas tambem oíço uma voz que me fala aqui dentro do coração. Minhas horas estão contadas. Dou graças a Deus por levar-me deste mundo sem odio a ninguém. Levo comigo tão sómente as máguas justas de mãe, por deixar-te na Terra, á mercê de lutas bem ásperas, mas rogarei a Jesus para que te reunas a Cirilo em breves dias. Penso, tambem, em Antero que criei como filho querido. Quanto a Inácio, espero em Deus nos possamos reunir, brevemente, na eternidade!...

Sua voz tinha entonações lugubres, Madalena soluçava baixinho, angustiada, incapaz de responder.

— Não chores, filha. Curvemo-nos resignados aos sagrados designios de Deus. Certamente, o futuro ainda te reservará muitos dissabores. Vais ser mãe, tambem, e compreenderás a montanha de sacrifícios que importa escalar por amor aos filhos; no afã das lutas e sofrimentos, não te esqueças da confiança sincera no Todo Poderoso. Toda mulher, e mórmente todas as mães, precisam compreender o valor da renúncia, da caridade, do perdão. O caminho do mundo está cheio de malfeiteiros. Aqui ou ali, a ingratidão insulta e o egoísmo calunia. Sómente a fé pode proporcionar o escudo indispensável á alma ansiosa e ferida. Nunca percas a fé, minha filha, ainda que os padecimentos sejam os mais duros. Recorda a Mãe de Jesus em seus martírios e resiste ás tentações.

Depois de longa pausa para tomar folego, continuou com visivel emoção:

— Deus é testemunha de que eu muito desejava recuperar a saude para esperar o fruto de teu amor, envolvendo-o nos meus carinhos de avó; mas o Senhor, certamente, tem outros designios.

Ouvindo a terna observação, Madalena murmurou entre lágrimas:

— O céu nos restituirá a alegria, minha mãe. Ficarás junto de mim por todo o sempre.

— Ainda esta noite, prosseguiu D. Margarida com ternura — sonhei que minha mãe vinha buscar-me. Apaerceu como nos meus tempos de criança, a brincar desejada ás margens do Garona. Ela chegou, muito meiga, tomou-me nos braços e perguntou, depois de um beijo, porque me havia demorado tanto, longe dos seus carinhos. Ah! deve haver uma estância alem desta, onde nos encontremos com os mortos bem amados. A vida é mais bela e infinita do que supomos. Deus que nos uniu nas estradas do mundo, não poderá separar-nos para sempre..

A voz tornava-se melancólica, argejante. A evocação do sonho pareceu transporta-la á divagações diferentes. Nos olhos muito brilhantes pairavam reflexos de luz extra-terrena. A filha acompanhava-lhe a mutação fisionómica, com um misto de ternura e dor indescritíveis. Recordava-lhe os sacrifícios domésticos e o heroísmo maternal, que o mundo não conhecera. Lembrava suas cartas afaveis e consoladoras, ao tempo do internato. Ela, que conhecia as leviandades do pai e as dificuldades em que viviam, sempre notava que a progenitora nunca tivera uma palavra de blasfêmia ou falsa virtude, em toda a sua vida.

— Madalena — continuou D. Margarida com a mesma emotividade — se Deus te mandar uma pequenina, dá-lhe o nome de Alcione, em memória de minha mãe. Não sei por que mistério, sinto-a aqui ao nosso lado, esperando-me talvez no limiar do sepulcro. Desde ontem, sinto-me impressionada por deixar-te sem recursos monetários que te garantam a tranquilidade, até te reunires definitivamente a teu marido. A noite passada, muito refleti sobre isso, porque nem mesmo as minhas velhas jóias puderam escapar no sorvedouro de nossas economias domésticas. Mas, agora, minha filha, oiço no íntimo a voz de minha mãe, que me sugere deixar-te nosso velho crucifixo de madeira, confidente de nossas lágrimas.

Apontou para o pequenino oratório e acentuou:

— Guarda-o bem contigo, porque não haverá maior tesouro que o do coração unido ao Cristo.

Madalena chorava discretamente. D. Margarida porém, continuou falando, mas, agora parecia responder a interpelações de uma sombra. Debalde, a filha tentou desviar-lhe a atenção para outro assunto. Seus olhos, imensamente lúcidos, davam a impressão de contemplar outros horizontes, muito alem das quatro paredes do quarto lúgubre. Madalena alarmou-se mas procurou manter-se calma, sem chamar os que repousavam de longa vigília. Todavia, de manhã despertou as criadas e chamou D. Inácio para comunicar o agravamento da situação. D. Margarida, após a ultima conversação, caíra em coma. Raiára a manhã em dolorosas perspectivas. Enquanto Antero segurava as mãos da moribunda, D. Inácio buscou um sacerdote que lhe ministrou os ultimos sacramentos. O professor de Blois assistiu o traspasse em silêncio, procurando confortar a cada qual.

A tarde, sem mais palavra D. Margarida entregava a alma a Deus, perfeitamente tranquila. A esposa de Cirilo não saberia definir a propria dor, mas, amparada na sua fé, amortalhou o cadáver entre flores e orações doridas quão fervorosas.

No dia seguinte, Jaques acompanhou os funerais e, após as cerimônias lutoosas insistiu com Madalena para que o acompanhasse a Blois, de modo a descansar alguns dias. A jóven, entretanto, reconhecendo o extremo abatimento do pai, recusou o oferecimento carinhoso, apresentando delicadas excusas. D. Inácio, de fato, mostrava-se profundamente acabrunhado. Não seria razoável deixá-lo em Paris, em tal estado. O tio de Cirilo estendeu o convite aos demais. Partiriam todos em sua companhia e, depois de algum repouso em seu velho parque, voltariam á capital, retomando as preocupações e os mistérios. Intimamente, Madalena desejou aceitar a proposta generosa, mas D. Inácio opôs-se. Alegava que seria muito mais difícil consolar-se da perda que acabava de sofrer se partisse com a obrigação de regressar mais dia, menos dia. A seu ver, deveria enfrentar as impressões amargas, combatê-las até o fim, mesmo porque, depois

da volta de Cirilo, pretendia tornar á Granada, a-fim-de aguardar a morte, já que a viuvez nunca lhe permitiria completa felicidade na colonia distante. Nem os pareceres de Antero, nem as propostas afetuosas da filha, conseguiram modificar-lhe as intenções.

Foi assim que Jaques Davenport regressou ao lar, daí a dois dias, com a promessa de Antero, de conduzir a prima a Blois, tão logo chegassem a um acôrdo com D. Inácio. O velho educador, na intimidade, foi mais explícito com o rapaz. Insistia nos seus propositos, porque desejava que Madalena tivesse a criança em casa dele. Antero demonstrou acatar-lhe o desejo, nada obstante o ciúme feroz que lhe roia o coração, e assumiu o compromisso de acompanhá-la daí a dois meses.

Sentindo-se profundamente só, após o falecimento da mãe, Madalena Vilamil repartia a existencia entre os deveres domésticos e as orações, na casa enlutada e silenciosa.

Entretanto, não havia decorrido um mês sobre o triste desenlace, quando a residencia de Santo Honrato passou a partilhar das angústias imensas que começavam a pesar sobre a população parisiense.

Reboara na cidade a notícia alarmante. Alastrava-se um surto variólico de enormes proporções. Toda a cidade esfervilhava em rebolico. Segredava-se á surdina que a moléstia irrompera entre os imundos prisioneiros da Bastilha, conquanto alguém afiançasse que o boato fôra lançado adrede pelas personalidades eminentes, de modo a desviar a atenção pública de alguns fidalgos recém-chegados da Espanha, atacados do mal e que haviam procurado socorro em Paris, sem qualquer preocupação pela saúde do povo.

A terrível moléstia, trazida á Europa pelos sarracenos no século VI, era, então, o terror das cidades populosas. A capital francesa já conhecia as suas características execraveis e, por isso mesmo, suas colmérias humanas permaneciam desoladas e inquietas. Enquanto a moléstia circunscrevia-se ás moradas confortaveis dos mais abastados, houve meios de ocultar os quadros mais tristes. Em poucos dias, no entanto, a população expe-

rimentava os penosos efeitos da epidemia fulminante.

Ninguem já se preocupava com os jogos da péla, da malha ou da argola. Véu espesso de sinistras apreensões cobriu a coletividade, de um dia para outro. Os casos positivos e dolorosos não mais ficavam ocultos pelo isolamento nos palacetes de luxo das ruas aristocraticas. As habitações burguezas da Cité e da Ville povoavam-se de cenas angustiosas. A Universidade tomava medidas extremas, em face dos imprevistos. Os doentes numerosos surgiam da rua São Diniz, da Plâterie, da Tixanderie. Criaturas miserás tombavam, sem recursos, junto do antigo local da Cruz Faubin. Arrabaldes como Santa Geneveva, Santo Honrato e Montmartre, começaram a exibir quadros amargos. No bairro de São Diniz, ao longo da região tradicional da cerca de São Ladres, davam-se óbitos numerosos. As aldeias que se erguiam nos arredores não eram menos devastadas. Issy, Montrouge, Vincennes, participavam em larga escala dos padecimentos em curso. Improvisavam-se cemitérios nas grande planícies, embora a autoridade eclesiástica ordenasse a abertura de um local isolado no velho cemitério dos Inocentes, para os mortos cujas famílias pudesse custear as despesas do sepultamento.

Ninguem mais se atrevia aos passeios de barca no Sena, cujas águas inspiravam temor.

Em Courtille e Vanvres, organizavam-se socorros apressados, mas eram raras as pessoas dispostas aos serviços de assistencia.

O êxodo foi iniciado com penosas características.

A Côte de Luiz XIV, desde os principios da epidemia, recolhera-se ao conforto de Versailles, rodeada de sentinelas alertas. As correntes de retirantes, porém, marchavam com enorme dificuldade nas estradas de Evreux, de Compiégne, de Auxerre, de Blois, assomadas de contagioso pavor.

E' que o surto epidemico não se constituia de simples sintomas passageiros, com características benignas. Tratava-se da variola negra, hemorrágica, com um coeficiente de mortalidade apavorante. Quem escapasse da morte, não fugiria á horrivel deformação do rosto.

Numerosas casas religiosas abriram, caridosamente, suas portas aos enfermos. Havia postos de socôrro junto aos templos de Nossa Senhora, de São Jaques do Passo, de São Germano dos Prados. Abrigos generosos foram instalados pelas "Filhas de Deus", na rua Montorgueil. As autoridades concentravam a maior parte dos trabalhos de providência. O preboste desenvolvia medidas enérgicas, com a colaboração da Universidade, mas, dado o terror que se instalara no ânimo popular, agravavam-se o descuido e a indiferença pelos doentes, o que fazia aumentar o obituário para vinte e trinta por cento, em vez de dez, como de outras vezes, em epidemias anteriores. Ninguém, todavia, desejava arriscar a pele ou a vida. Eram bexigas negras e, por detrás das pústulas repelentes estavam a deformação ou a morte. Não se encontravam médicos, nem outros serventuários de enfermagem. Apenas alguns sacerdotes abnegados visitavam os lares cheios de pranto e luto, levando o conforto de suas experiências ou as palavras carinhosas da extrema-ucção.

Cada casa atingida era marcada com um grande sinal vermelho, na porta de entrada, por ordem dos superintendentes do servigo.

O povo fazia oferendas espetaculosas nos altares dos templos. A igreja de Santa Oportuna estava repleta de devotos, dia e noite, a reclamarem milagres. A plebe passava de provocadores da peste, então havida como castigo do céu, e a multidão pedia que eles fossem queimados no fôrno do Mercado dos Poreos. Sucediam-se procissões e exorcismos. Numerosas famílias dispunham dos bens a qualquer preço, e dirigiam-se para os portos do Atlântico, a caminho da América do Norte.

Nas ruas, todas as cenas de funerais eram pungentes e dolorosas. De quando em quando surgiam mulheres loucas, em penosa algazarra, obrigando os gendarmes a medidas mais violentas.

Entretanto, o mais monstruoso em tudo isso, é que alguns agonizantes estavam sendo sepultados, antes do derradeiro sôpro de vida. Quasi todas as atividades da ordem pública, nessas lamentais circunstâncias, estavam

afetas a homens indignos, que assalariavam o esfôrço de truões sem escrúpulos. Não eram poucas as casas nobres depredadas em seus tesouros. Valia-se, então, do terror para extorquir e abusar. Muitos crimes, nessas condições, foram perpetrados na sombra, com plena segurança de impunidade.

Nos cemitérios improvisados nas planícies e nas aldeias proximas, não era difícil ver um que outro moribundo atirado á vala comum, entre gemidos.

O soberano dera ordens para que fôssem contratados homens honestos para os serviços, mas os operarios mais honrados não haviam acorrido, permanecendo na tarefa gigantesca de salvação da propria família. Trabalhadores boçais e embriagados tinham permissão de invadir as residencias marcadas com o sinal fatídico, a-fim-de remover cadáveres ou doentes graves para os nucleos detestáveis da rua do Fôrno.

Essa vaga imensa de provações coletivas abrangeu a residencia de Santo Honorato num véu de tristezas e preocupações infinitas. Madalena, mal se refizera do golpe sofrido com a perda de sua mãe, mantinha-se em atitude quasi indiferente, incapaz de ponderar a gravidade do perigo que os ameaçava; mas D. Inácio e Antero estavam aflitíssimos.

Como acontecera ao grosso da população, os Vilamil só vieram a conhecer a terrível realidade quando já sitiados por numerosos casos na vizinhança. Depois de muito confabular, tio e sobrinho resolveram a mudança para os subúrbios de Versailles, sem perda de tempo. Era inutil procurar a zona de arrabaldes parisienses. A moléstia espalhara-se por todos os recantos. Apenas Versailles poderia oferecer alguma segurança, pelo grande número de guardas que obrigavam os retirantes a tomar o rumo de Evreux, para não infestar a zona destinada ás figuras mais importantes da Corte. Antero poderia obter concessões, em vista de suas ligações com os funcionários de relêvo. Não havia como hesitar nas medidas urgentes.

O sobrinho de D. Inácio saiu á tentativa, mas tamanhos eram os obstáculos, que, só conseguiu o que preten-

dia apôs esfalfantes trabalhos de cinco longos dias. Conseguida a casinha modesta que os poria a salvo, o rapaz voltou a Paris para conduzir os familiares, mas, a primeira surpresa dolorosa esperava-o qual espectro de amarguras inevitáveis.

Na véspera, uma das antigas servas de D. Margarida, de nome Fabiana, caíra de cama, com febre alta e todos os sintomas graves da epidemia.

D. Inácio sentiu imenso alívio com o regresso do sobrinho, a-fim-de assentarem as medidas salvadoras, indispensaveis.

Em vão Madalena rogou que encarassem a situação sem pavor, insistindo mesmo para que Fabiana fôsse guardada, discretamente, sob seus cuidados. D. Inácio, divergiu da filha, ao mesmo tempo que Antero retrucava:

— E' impossivel, Madalena. A situação e o momento não comportam tergiversações e condescendencias, a título de generosidade. Chamarei os encarregados do serviço de saúde pública a-fim-de remover a rapariga para os centros de socorro, mesmo porque, só nos falta o carro para Versailles.

Ela esboçou um gesto de máqua e sentenciou:

— Mas esses funcionários são homens insensiveis e cruéis.

— Que fazer, filha? — atalhou D. Inácio tentando convencê-la de vez. — Antero tem razão e, alem de tudo, se esses homens são, por vezes, grosseiros e intrataveis, representam o contingente unico de que dispomos e não seria lícito despreza-los.

— E se fôsse um de nós o necessitado? — interrogou súbitamente a jóven, num ímpeto de salvar a antiga serva de sua mãe.

Os dois perceberam o alcance e significação da pergunta, entreolharam-se admirados, mas D. Inácio dando a entender que não podia aprovar qualquer indecisão naquele momento, exclamou para o sobrinho, resolutamente:

— Não podemos divagar. Vai chamar os homens

para a remoção da enferma e, se possivel, traze contigo a carroagem que nos leve.

O rapaz não vacilou. O velho fidalgo, agora só com a filha, fazia-lhe sentir a gravidade do perigo e frisava a nobreza da sua intenção. Madalena concordou. Era o progenitor que falava e não seria justo menosprezar as suas afirmativas e determinações. Entretanto, não podia conter as lágrimas copiosas.

Antero não se demorou muito. O serviço de assistencia mandaria os homens naquela mesma tarde. A carroagem, essa é que não foi possivel encontrar. Depois de leve refeição, saiu novamente num esfôrço supremo. Necessitava de um veículo que comportasse quatro a cinco pessoas. Todavia, a condução desejada não foi obtida em parte alguma.

Quasi á tardinha, voltou á casa, profundamente descorçoado. O tio, que se contaminara de lastimavel pavor, procurou conforta-lo, mas alvitrou que se retirasse a cavalo, no dia seguinte. D. Inácio, profundamente impressionado com as cenas tristes da rua, suspirava por um meio de abandonar a cidade, de qualquer modo. A princípio, refletiu mesmo na possibilidade de partirem a pé, mas isso seria muito arriscar. Os caminhos estavam cheios de doentes sem lar, de fisinomias deformadas, estendendo as mãos horrendas e sujas á caridade dos fugitivos sãos.

Antero aceitou a nova sugestão. Arranjaria cavalos para o dia imediato. Mal terminavam as combinações, chegaram os assalariados da assistencia, a-fim-de removerem Fabiana para a rua do Forno. A primeira medida foi lançar o tremendo sinal vermelho na porta. D. Inácio sentiu-se mal com o atrevimento dos rudes enfermeiros, mas, por outro lado, considerou que partiriam no dia seguinte para Versailles.

— Por que essa identificação na porta quando vamos afastar daqui a unica doente? — interrogou Antero sem disfarsar a contrariedade que o assaltara.

— Sim, — foi-lhes respondido — retiramos a enferma, mas não sabemos se estamos afastando a enfermidade.

D. Inácio acolheu a resposta ao sobrinho, com irreprimível espanto, mas calou-se na suposição de que, em breves horas estaria respirando outros ares.

Foi muito comovedora a despedida entre a esposa de Cirilo e a velha serva, que a havia acalentado quando menina. O progenitor e o primo impediram Madalena de abraça-la pela última vez, quando passava pela sala, carregada por grosseiros condutores. A filha de D. Inácio, no entanto, confortou-a com palavras amorosas, ditas em voz alta. Sensibilizada com aquela manifestação de carinho, Fabiana fez um esforço e falou com doloroso acento:

— Não chore, minha menina. Se eu sarar voltarei da rua do Fôrno para seguir seus passos; e se morrer, hei de encontrar minha senhora na eternidade.

A jóven Madalena mal podia conter o pranto, apesar das observações quasi ásperas do pai.

A noite caiu, pesada e angustiosa.

Logo depois de sair a serva, o velho fidalgo começou a queixar-se de prostração geral com sensações de dor em todo o corpo. Daí a horas, explodia a febre devoradora do período de incubação da enfermidade. Madalena e o primo rodearam-lhe o leito penosamente surpreendidos. Ante as lágrimas da filha e as preocupações do rapaz, D. Inácio ponderava com firmeza:

— Fiquem tranquilos, filhos! Estes sintomas não podem ser os da moléstia execranda. Acredito que a modificação do nosso alimento habitual, imposta pelas circunstâncias, tenha-me prejudicado o estômago. Esta febre é natural.

Mas os gemidos abafados, a transformação fisionómica devido à febre, não podiam enganar.

A filha não conseguira dormir. O doente não conseguia acalmar a sede abrasadora. Em vão recorrera a calmantes e tisanas outras, próprias da época. A manhã surgiu com alarmantes perspectivas. Depois de ouvir a prima, Antero procurou o quarto do enfermo, notando-lhe o profundo abatimento.

— Não te impressiones comigo — dizia D. Inácio num esforço heróico para conseguir a retirada de Paris.

— Creio que não poderei sair a cavalo, mas é possível que encontremos algum carro, ainda hoje...

O sobrinho, comovido, procurou confortá-lo, prometendo acelerar as providências.

Retirando-se, procurou trocar idéias com a prima sobre o que poderiam fazer. Madalena não conseguia ocultar o pessimismo. Para ela não havia dúvidas. Era positivamente a varíola em fase de incubação. E para que D. Inácio não fosse transportado aos grandes centros de socorro, onde a promiscuidade parecia convocar a morte mais depressa, era imprescindível o máximo cuidado, em vista da identificação da porta. Aquele sinal vermelho era inexorável. Preocupadíssimo, Antero voltou novamente a procurar condução para Versailles. Tinha a impressão de que a moléstia seria benigna, uma vez tratada noutro ambiente, longe da pesada atmosfera de Paris. Todos os esforços foram vãos. Ansioso por atenuar os rigores da situação doméstica, procurou um médico que se devotasse ao tratamento do velho tio, mas, debalde buscou valer-se dos seus conhecimentos e relações. Os que não estavam foragidos, estavam prostrados, sem esperança. Disposto a alcançar qualquer recurso, demandou o templo Magloire, onde antigo sacerdote atendia aos pobresinhos.

O padre Bourget recebeu-lhe a solicitação com muito carinho. Já tivera bexigas, em outros tempos, sentido a vontade entre os doentes numerosos.

Antero respirou. Era a primeira pessoa que lhe falava com sincera tranquilidade. O abnegado irmão dos sofredores acompanhou-o à casa cheia de inquietação, examinou detidamente o enfermo, que lhe seguia os menores movimentos com angustiosa desconfiança, e acabou dirigindo-lhe palavras confortadoras, filhas do seu hábito de consolar a todos os aflitos. Em particular, contudo, dirigiu-se à jóven senhora e ao rapaz, dizendo-lhes:

— Em casos como este ha que encarar os acontecimentos com o máximo de resignação e fé em Deus. Não

devo ocultar-lhes que o doente inspira sérios cuidados. Além da varíola, perfeitamente caracterizada, há outros sintomas graves.

Madalena quis inteirar-se de tudo, conhecer os por-menos, mas sentia-se impossibilitada de falar como desejava.

— Aqui virei duas vezes por semana — concluiu o bondoso sacerdote.

Antero e a prima queriam implorar que viesse mais vezes, que ficasse em sua companhia, mas, considerando que a cidade quasi inteira estava ao abandono, calaram-se comovidos, certos de que seria pedir muito.

A situação doméstica prosseguiu torturante. Quando menos se esperava, surgiam os rudes auxiliares do serviço de saúde, compelindo Antero à maior vigilância, para que D. Inácio continuasse em casa, ás ocultas. Madalena desdobrava-se em sacrifícios silenciosos. Desvelada e carinhosa, quasi não arredava pé do leito do progenitor, que piorava a olhos vistos. O velho fidalgo passava longas noites em franco delírio. Tinha frases estranhas, desconexas, induzindo a filha e o sobrinho a graves reflexões.

Ao fim de uma semana, caiu a outra serva dos Vilamil e, no dia seguinte, o lacaio apresentou os mesmos sintomas. Antero não vacilou e mandou remover ambos.

Agora, como acontecia em grande numero de casas nobres, ele e a prima eram obrigados a executar os mínimos serviços caseiros.

Durante quatro dias, os problemas domésticos eram solucionados satisfatoriamente, apesar dos sacrifícios que se impunham; no quinto dia porém, Madalena experimentou os primeiros sintomas do mal devastador. Aflitíssima, comunicou ao primo o seu penoso mal-estar. O rapaz inquietou-se vivamente. Dispôs o apartamento contíguo ao do enfermo, buscou tranquilizá-la, afiançando que, sózinho se incumbiria dos trabalhos da casa. Ela aceitou o oferecimento, de olhos molhados. Havia dois dias que experimentava impressões orgânicas muito angustiosas e desejava repousar; todavia, abstivera-se de

falar-lhe a respeito, obediente ao imperativo de suas tarefas pesadíssimas. O rapaz, entretanto, não só por cavilhismo como pelo muito amor que lhe consagrava, consolou-a com as melhores mostras de carinho, que ela levou á conta de fraternidade sem mácula.

— Antero — disse preocupada — não ignoramos a gravidade do estado de papai e não sei se chegarei ao mesmo estado...

— Não te acabrunhes — murmurou o rapaz solícito — havemos de vencer a batalha. Tenhamos esperança nos dias que hão de vir.

— Tenho orado com fervor e não perderei a fé em Deus, — acentuou a espôsa de Cirilo convicta — a Providência Divina saberá a razão de nossas provas agudas, e somos bastante pequeninos para discutir os designios do Pai Celestial. Duas cousas, porém, te peço...

Nesse interim, a voz se lhe embargara em soluços.

— Dize, Madalena! que não faria por ti? — exclamou o primo ansioso por confortá-la com toda a ternura que lhe vibrava nalma.

— Não me deixes á mercê dos carregadores de doentes, caso a febre me transtorne os sentidos — disse comovidamente — pois ignoro o que seria de mim na confusão das casas de assistência pública; e o outro favor é que mandes um emissário a Blois, chamando o tio Jaques, de minha parte.

— Nunca te levarão para a rua do Fôrno — disse o rapaz com firmeza. — Ainda que eu também venha a adoecer, haveremos de encontrar um recurso. Quanto ao portador para Blois, é possível que não encontremos um mensageiro que vá e volte a Paris, mas poderei enviar uma carta ao professor Jaques, por algum fugitivo conhecido.

Madalena enxugou as lágrimas num gesto triste e sentenciou:

— Deus recompensará teus sacrifícios fraternais. Quanto a despesas, espero que Cirilo regresse da América, mais breve do que penso, e então...

O rapaz cortou-lhe a palavra, murmurando:

— Não fales em despesas. O dinheiro não deve entrar nos problemas condizentes á nossa paz e saude.

Naquele mesmo dia, Antero de Oviedo encontrou alguém que abandonava a cidade, rumo de Blois, e a carta a Jaques Davenport foi encaminhada com boa remuneração e especial carinho.

Dai por diante o sobrinho de D. Inácio multiplicou as energias proprias para atender as necessidades dos dois enfermos, que lhe recebiam as demonstrações afectivas com profundo reconhecimento no olhar enternecido.

O padre Bourget, em suas visitas periódicas, meava negativamente a cabeça diante do velho fidalgo, cujo estado se agravava com prenúncios de morte. Na segunda visita á Madalena, o generoso sacerdote chamou o rapaz, ao despedir-se, e disse:

— Meu filho, todos os meus deveres nesta calamidade pública têm sido amargos e dolorosos. Eis que devo, agora, cumprir mais um.

Antero fez-se lívido. A solidão angustiava-lhe o espirito. A princípio esperou que Jaques ou Suzana aparecessem dispostos a conduzir a enferma para Blois, mas oito dias já haviam passado da expedição da carta. Atormentado, procurou inutilmente as palavras com que pudesse alinhavar uma resposta ao sacerdote, quando este notando-lhe a palidez, prosseguiu:

— Não te deixes abater pelo desânimo. Deus conhece os filhos que o amam na tempestade de amarguras e é preciso amar ao Todo-Poderoso, acatando-lhe a vontade justa. Apesar-de nossos esforços, meu filho, não creio que teu velho tio possa viver mais de dois dias. Quanto á jóven, sómente se salvará porque Deus concede forças, que não compreendemos, aos corações maternos; seu estado, porém, é melindroso e difícil. Tenho quasi certeza de que ela se curará da moléstia terrível, mas não sabemos quando poderá levantar-se da cama.

Antero de Oviedo sentiu funda revolta naquele penoso instante da vida. Embora reconhecido á boa vontade do sacerdote, experimentou um desejo forte de exorta-lo com violencia. Não haveria outras novas senão aquelas de angustiados vaticínios? Em outra ocasião,

se estivesse diante de um médico, dir-lhe-ia pesados impropérios; mas a verdade é que ali estava rodeado pela variola sinistra, sem amigos, sem ninguem. Mesmo assim, não disfarçou um gesto de profundo rancor e falou revoltado:

— Está bem, padre Bourget. Fico ciente de que o senhor nada mais tem a fazer aqui.

O velho ministro da Igreja contemplou o rapaz, com padecidamente, e saiu.

Quando se viu novamente só, o moço espanhól entrou em funda meditação e chorou desesperado. Tinha dinheiro, dispunha de relações prestigiosas, no entanto, via-se privado das cousas mínimas da vida. De um lado, o velho tio a quem considerava como pai, a franquear os umbrais da morte, sem o conforto de um médico á cabeceira; de outro lado a prima muito amada, a eleita da sua juventude, na febre intensa que a fazia delirar, delindo-lhe o coração. D. Margarida, amiga maternal de sua infancia risonha, partira para sempre. Os servos da casa haviam saído, um a um, aos golpes da impiedosa enfermidade. D. Inácio estava moribundo, conforme o afirmava o padre Bourget. E se Madalena tambem partisse para as regiões ignoradas do sepulcro? A esse pensamento, um frio cortante lhe dominou o coração. Ela era sua derradeira esperança. Por que suportar a permanencia na França, senão por ela? A Espanha tinha outros muitos encantos que o chamavam com insistencia. Entretanto, sentia quasi prazer nos trabalhos pesados de Paris e Versailles, porque isso lhe dava a oportunidade de vê-la todos os dias. Não fôsse a ternura da mãe adotiva e teria aniquilado Cirilo Davenport, antes que ele a desposasse. Tolerara o ato de suas núpcias com o rapaz irlandês, mas nunca jamais renunciaria aos seus propositos. Por ultimo, perseverava em afrontar a situação perigosa da capital francesa, tão sómente por seu amor. No intimo reconhecia-se capaz de todos os sacrifícios por D. Inácio; entretanto, verificava que ainda isso seria por causa de Madalena. A idéia de que ela pudesse sucumbir no torvelinho das provações amargas, amedrontava-o tenazmente. O coração, ferido

pelos cuidados, começou a perturbar-lhe os raciocínios. Passou a pensar fortemente na situação de Cirilo. Era possível que o rival nunca mais regressasse da América distante. Se tal acontecesse, consagraria-se-ia ao único tesouro da sua vida. Buscaria cativar a prima pelas maneiras generosas. Acolheria o fruto do seu enlace ao outro com desvelos paternais. E, quem sabe? Talvez Madalena lhe reconhecesse a dedicação e cedesse aos seus rogos. Os maus pensamentos rondaram-lhe a mente. E se fugisse com ela para a colônia do sul, seduzindo-a com a promessa de encontrarem o marido na América do Norte? Não faltariam pretextos para isso, principalmente depois que D. Inácio Vilamil expirasse. O único empecilho a considerar, na realização do execrando projeto, seria a presença de Jaques Davenport, mas quem podia saber o que acontecia lá em Blois? Antero de Oviedo passou as mãos pela fronte como se quisesse expulsar os planos criminosos que o assediavam.

Diariamente quasi, atendia aos carregadores de variolosos, que vinham à cata de informações, atraídos pelo sinal fatídico:

— Aqui não ha mais enfermos — declarava inviavelmente.

Certa ocasião, todavia, um deles interrogou:

— Por que motivo, então, teima em permanecer numa casa tão triste?

— Tenho razões para proceder assim — sentenciou sem se dar por achado.

As lutas prosseguiam acesas, mas, na segunda noite após as declarações do padre Bourget, Antero tinha confirmados os dolorosos prognósticos. Corridq o dia de longos sofrimentos, o velho tio caiu em funda prostração, agonizando aos poucos. De quando em quando, Antero corria ao quarto de Madalena e voltava para junto do moribundo, que, ao romper dalva entregou a alma ao Criador. Absolutamente só, tomou as providências imediatas, aguardando o clarear do dia para atender a outras que se tornavam imprescindíveis. Doloroso pensamento acudiu-lhe ao cérebro cansado. Deixaria Madalena sózinha, febril, quasi inconsciente de si propria? E

os enfermeiros abomináveis? Consolou-se com a idéia de que sempre vinham á tarde, e que sairia a providenciar sepultura mais ou menos condigna para D. Inácio, pela manhã, no Cemitério dos Inocentes. Deixaria a porta bem fechada. Tomaria providencias á pressa e, antes do crepúsculo, tudo estaria liquidado para que continuasse enfrentando a nova fase da penosa situação.

Mergulhado nessas dolorosas cogitações, Antero repousou por alguns minutos.

A carta do sobrinho de D. Inácio, chegou ás mãos do destinatário, em Blois, três dias depois de escrita. O generoso educador alarmou-se, embora estivesse igualmente de cama, atacado pela mesma enfermidade, posto que, de forma assaz benigna. Impossibilitado de atender ao chamado, consultou Suzana a propósito, e a jóven acedeu corajosamente:

— Logo que o senhor esteja melhor — disse resoluta — irei a Paris para atender ás ocorrências.

— Mas não tens qualquer receio? — perguntou o progenitor bondosamente — porque, nessa hipótese, poderei enviar algum amigo daqui, já provado pela molesia e indene de contágio.

— Não, meu pai — insistiu a jóven, afetando generosidade — estes casos devem ser resolvidos pelos proprios parentes. Levarei Pierre comigo e é quanto basta. Nossa vizinha conhece remédios preventivos de primeira ordem e não devo temer.

Jaques Davenport endereçou á filha um olhar de agradecimento sincero.

Logo que se acentuaram as melhorias do pai, Suzana tomou as providencias, chamou Pierre, empregado de sua inteira confiança e encaminhou-se a Paris, conduzindo no pequeno veículo todos os reduzidos objetos de socorro de que poderia precisar, tanto em remédios como em armas.

A medida que avançava nos caminhos, mais se espantava com a mendicância e a desolação de morte esplândidas por toda parte. Não obstante o esforço dispen-

dido, foi obrigada a pernoitar num dos postos de muda, próximo da cidade, para chegar ás portas parisienses apenas no dia seguinte de manhã.

Em frente a casa dos Vilamil, em Santo Honorato, Suzana entregou as rédeas aos companheiros e encaminhou-se á porta assinalada, algo comovida. Bateu inutilmente. Que teria acontecido? Forcejou debalde a porta, que parecia hermeticamente fechada. Não se conformou com isso. Deu alguns passos buscando o angulo lateral da casa, que dava para o jardim. Preocupada, empregou toda a força na janela mais próxima, até que esta cedeu, oferecendo facil passagem. Logo de entrada, pareceu-lhe tudo deserto e tomou-se de assombro, embora a coragem de que dava testemunho. Conhecia o perigo que enfrentava, mas não vacilou. Depois de alguns passos, entrou no quarto onde o cadáver do velho fidalgo jazia deformado sobre o leito. Não pôde evitar um gesto de espanto. Tinha a impressão de haver ingressado num tumulo. Conteve as emoções mais fortes e avançou para o quarto contíguo, ocupado por Madalena. A situação da esposa de Cirilo impressionou-a fundamentalmente. A filha de D. Inácio repousava num sono cheio de abatimento singular. Não obstante a fase erupitiva, quando se atenuam os dolorosos fenómenos do período de incubação, Madalena Vilamil estava prostradíssima, sob a pressão de altíssima febre. As moscas terríveis pousavam-lhe no rosto lacerado, sem que ela reagisse, de leve. Suzana inclinou-se para a rival, amargamente impressionada. Onde estaria Antero de Oviedo? Intuitivamente, chegou á conclusão de que o rapaz estava no Cemitério dos Inocentes, providenciando sepultura digna para D. Inácio. A desolação da casa inquietava-lhe o espírito. Sentia necessidade de alguém para repartir a aflição propria. Voltou á janela e dirigiu-se á rua, desejosa de consultar a vizinhança.

— Pierre, — disse ao servo, resoluta — tenho necessidade de colher informes nas casas próximas e recomendo-te muito cuidado na vigilância do animal e tambem desta morada. Logo que chegue alguém, busca-me sem tardança.

Enquanto o serviçal fazia um sinal de obediencia, Suzana bateu os arredores, mas todas as portas estavam silenciosas e impenetráveis. A epidemia alastrara o terror, despovoara os lares e, alem disso, os moradores de Paris não conheciam a camaradagem fraternal da pacata Blois. A moça, porém, não desanimava: esmurrava portas, chamava, insistia. Ao parar á porta de uma casa mais distante, prosseguindo na diligencia inutil, eis que surge Pierre ofegante, chamando-a:

— Apressai-vos porque um grupo de cinco homens, depois de observar o sinal vermelho arrombou a porta, penetrando na casa.

Suzana retrocedeu aos saltos. Algumas carriolas fechadas permaneciam na via pública. Num ápice comprehendeu que os execraveis veículos coletavam os mortos da manhã.

Grandemente revoltada pela desenvoltura com que agia a turma de socorro, a prima de Cirilo penetrou afotamente no interior.

Dois homens musculosos começavam a deslocar o cadáver de D. Inácio Vilamil, enquanto três outros tentavam erguer Madalena, desalojando-a do leito.

— Que é isto? — bradou enérgica e estridente.

Os invasores tremeram ouvindo-lhe a voz impulsiva. Imediatamente, se detiveram na lugubre tarefa e acercaram-se da jóven, como se atendessem a uma voz de comando. Num relance d'olhos, Suzana percebeu que eram operarios rudes e avinhados.

— Senhora — exclamou um que parecia o chefe da turma — por ordem do Preboste, auxiliamos a remoção e sepultamento dos cadáveres...

— Mas estão enterrando pessoas vivas em Paris?

A essa pergunta formulada em tom enérgico, os miseriosos encarregados dos serviços fúnebres entreolharam-se receosos.

— Mas aqui ha dois mortos — respondeu o interpelado timidamente.

Suzana nesse instante foi assaltada por um pensamento sinistro. E se permitisse que a rival detestada se guisse como cadáver nas miseraveis ambulancias? Não

seria um modo prático de se desvencilhar de tão odiada inimiga? Madalena estava coberta de moscas, sem a mais leve reação. Seu corpo, abrasado pela febre, parecia insensível. Não teria testemunhas do ato trágico do seu negro atentado. Mas a idéia do crime repugnou-lhe.

Lutou contra a tentação dos instintos inferiores e bradou em voz alta, estentórica, como se quisesse afugentar o genio perverso que pretendia empolga-la.

— Para trás, corvos malvados! Não vêdes, então, que esta mulher está viva?

Essa exprobração foi gritada de maneira tão violenta que os infelizes tremeram, humilhados.

— Cumpriamos ordens, senhora — aventurou o chefe titubeante — já que reagis contra nós...

— Rua! todos... — bradou Suzana indignada — esta casa tem dono. Não arredarão daqui uma palha. Se retirarem um objeto, mandarei encerra-los na Bastilha.

Quando ouviram falar no cárcere e diante daquela resistência imprevista, ainda não encontrada em outros lares, onde as famílias pareciam ansiosas por se libertarem dos cadáveres e dos doentes graves, a qualquer preço, os cinco trabalhadores regressaram á via pública, retomando com timidez a lúgubre tarefa.

Uma vez só, a filha de Jaques entendeu que não devia ficar inativa. A idéia de que poderia ter afastado Madalena do seu caminho, perseguia-a agora, horrivelmente. Se a filha de D. Inácio tivesse morrido, estaria livre para conquistar Cirilo, na América. Convenceria o pai de que deveriam partir para a colônia distante e buscaria substituir a rival junto do primo, que não conseguia esquecer. Experimentando imenso receio das idéias que lhe surgiam no cérebro como fortes apelos ao crime, refletiu que era preciso encontrar Antero para assentiar as providencias que a situação exigia. Se o rapaz não tivesse fugido de Paris, estaria, por certo, no Cemitério dos Inocentes. Era a unica explicação que lhe ocorria para justificar sua ausencia naquele ambiente de dor infinita. Urgia encontrá-lo. Poderia enviar Pierre

no seu encalço, mas o servo não o conhecia. Deliberou procura-lo pessoalmente.

Ordenando ao rude auxiliar se conservasse de guarda á porta dos Vilamil, de arma em punho, Suzana concluiu:

— Não te afastes daqui para cousa alguma.

E depois da dar os sinais de Antero como a unica pessoa autorizada a transpôr aquela porta, tomou a vutura e fustigou o animal a galope, em direção ao Cemitério dos Inocentes.

A prima de Cirilo não se enganava. Logo na portaria encontrou o sobrinho de D. Inácio, que esperava a vez de ser atendido por gordo abade, chegado de poucos instantes.

Antero acolheu a jóven com infinita alegria. Era alguém que chegava por compartilhar de seus trabalhos e angústias. Suzana contou-lhe o feito terrível da manhã e, observando-lhe a inquietação justa, informou que a porta de entrada estava agora sob a guarda de um servidor fiél. O rapaz relatava as lutas e amarguras experimentadas, até que o eclesiástico, velhinho amavel e bonacheirão, de rosto marcado pela varíola impiedosa, o chamou para anotar as devidas declarações.

Aproximara-se.

— Muito trabalho, reverendo? — perguntou a moça desejando amenizar a triste situação.

— Ah! sim, minha filha — aqui estou a postos há três longos dias, sem companheiros que me substituam. Ainda bem que já sofri a pérfida enfermidade que nos tem castigado com tanto rigor.

E o abade Montreuil abriu um caderno de notas provisórias. Suzana contemplou curiosamente a nominata das ultimas pessoas sepultadas. Entre os mortos da véspera, leu um nome que constituia a seus olhos impressionante coincidencia.

“Madalena Villar, espanhola, procedente do arrabalde de Santo Honorato, com vinte anos de idade”.

Suzana não mais ouviu as declarações de Antero ao superintendente do grande estabelecimento funerário, para só pensar nas idéias extravagantes que lhe acudiam ao cérebro atormentado. Defendera a rival contra os cargadores infames, mas também não queria perder a sua oportunidade em renovar a grande tentativa de suas paixões inferiores. Reagira ao impulso criminoso de incluir a espôsa de Cirilo entre os cadáveres destinados à vala comum e agora estava considerando que, se o plano constituisse uma falta, esta não seria tão grave aos seus olhos. O nome da morta, ali registado fortuitamente, sugeria-lhe um rôl de projetos nefandos. A rival poderia passar, doravante por morta, se Antero de Oviedo aderisse aos seus propósitos. Bastaria modificar o nome Villar para Villamil. Além disso, a seu ver, no quadro da sua paixão mesquinha, a providencia seria uma retificação do destino. Jamais poderia amar outro homem, a não ser Cirilo Davenport. O sobrinho de D. Inácio Vilamil, por sua vez, segundo lhe confessara, jamais se uniria a outra mulher que não fosse Madalena. A idéia a estonteava. O veneno sutil da tentação empolgou-a por completo. Esperou, ansiosa que o rapaz terminasse o diálogo com o abade Montreuil, e quando ele se dispunha a regressar, pediu-lhe um minuto de atenção para assunto de grande importância para ambos. O moço atendeu, curioso e solícito.

Afastando-se alguns passos, até a sombra de velho muro, Suzana começou discretamente:

— Nunca pensei tanto na sua situação, como agora. D. Margarida já não é dêste mundo, seu tio acaba igualmente de partir e Madalena exige os seus cuidados. Não considera, porventura, as lutas que o esperam? Desde que me confiou seus padecimentos íntimos, em troca da minha confiança fraternal, reflito na insatisfação da sua alma generosa.

— Sim, tudo isso é verdade — confirmou ele num suspiro.

— Esta situação me impressiona e comove, porque suas aspirações irrealizadas são gemeas das minhas. Sofro, ainda mais porque estou certa que Cirilo se casou

com Madalena mais por um capricho. Meu primo não poderá amá-la, nunca, e reconhecendo tudo isso vejo-o, por outro lado, incapaz de eleger outra mulher.

A jóven de Blois ia percebendo o profundo efeito das suas palavras. Mostrando-se sumamente reconhecido ao seu cuidado, o sobrinho de D. Inácio acrescentou:

— Estamos de perfeito acôrdo.

Ela aproveitou a brecha e lançou a grande interrogação:

— Não será justo retificar tão avaro destino por nossas proprias mãos?

O rapaz que, há dois dias, vinha refletindo no melhor meio de subtrair Madalena ao marido emigrado, embora a luta intima por se desembaraçar de semelhante sugestão, perguntou atônito:

— Retificar... mas como?

— Não será tão difícil — murmurou ofegante, a jóven.

E passou a expôr o plano que lhe acudia ao cérebro apaixonado. Pagariam ao abade Montreuil o trabalho de emendar a grafia do nome da enterrada da véspera. Madalena Villamil e não Vilar, para todos os efeitos. Identificariam o sepulcro com adornos preciosos, antes que eventuais interessados pretendessesem descobrir qualquer engano. Em casa, contudo, tratariam a enferma com desvelado carinho, e logo que melhorasse notifica-la-iam por carta, que ela Madalena se incumbiria de expedir em Blois, que Cirilo havia perecido em naufragio, antes de chegar ás terras americanas. Naturalmente, grande desgosto lhe adviria, mas Antero buscaria distraí-la levando-a para a Espanha, ou mesmo para a colónia sul-americana, onde já tinha parentes. Ela, Suzana, compeliria o velho pai a partir e procuraria renovar seus ideais amorosos junto do homem amado, enquanto ele, Antero, conquistaria a prima acenando-lhe com risonho porvir.

O moço castelhano estava enlevado. Afinal de contas, não era isso mesmo que tentara, em vão, descobrir? Procurara ardente mente uma fórmula sutil, que sómente agora lhe aparecia por inspiração de Suzana, ali, ao pé

dos sepulcros, onde não havia olhos nem ouvidos humanos capazes de recolher o segredo terrível. Olhar fixo, abstraido de quaisquer outras cogitações, ele experimentava a renovação dos recalcados impulsos. A sugestão dava-lhe a vitória. Sentiria prazer em comunicar a Madalena que o marido se abismara no torvelinho das águas insondáveis. Leva-la-ia à Espanha e, de lá, se possível, demandariam a América do Sul, cheia de lendas fantásticas. Daria largas ao espírito aventureiro que lhe palpitava nas veias. A prima, em breve, se escapassem à varíola, teria uma criancinha necessitada de proteção paternal. Dar-lhe-ia essa proteção. E aos seus olhos afigurava-se incrível que Madalena lhe repelisse a afeição em tão duras circunstâncias. A filha de Jaques acompanhava-lhe a expressão fisionômica, visivelmente satisfeita.

Como a despertar-se de um sonho, o moço acentuou:

— Magnifica inspiração. Ha dois dias buscava, em vão, um meio de reconstituir minha tranquilidade. Realizando esse plano já não serei o mais desgraçado dos homens.

— Ainda bem! — retrucou a jóven em tom de alegria.

— Mas... os detalhes? — volveu Antero ansioso.

— E o servo que te acompanha e lá está á nossa porta?

— Não te incomodes — esclareceu resoluta. — A título de preservar-lhe a saúde, mandarei que me espere no posto de muda, próximo de Paris. Quanto ao resto, é muito fácil para nós ambos. Amanhã mesmo aqui voltarei para providenciar um mausoléu adequado a D. Inácio e filha. Logo que Madalena melhore, regressarei a Blois, onde cientificarei a meu pai, do seu falecimento. Sabendo quanto élé a estima, convirá que te mude para algum bairro distante, ou para Versailles, porque naturalmente desejará visitar-lhe o túmulo e rever a casa onde ela se finou. Um mês depois do meu regresso, escreverei de Blois comunicando-te, bem como á tua prima, o naufrágio de Cirilo e a nossa resolução, (minha e de papai) de seguir para a América. Dêste modo, a meu ver, tudo ficará bem concluído.

Antero mal escondia a grande surpresa. A jóven arrazoava tão clara e naturalmente, que as providências mais se assemelhavam a velho projeto apenas dependente de oportuna aplicação. De qualquer modo, entretanto, a satisfação do moço espanhól era enorme e intraduzível. Depois do solene juramento de sigilo perpétuo, dirigiram-se ao oratório do abade superintendente, a quem Suzana falou nestes termos:

— Reverendo Montreuil, desejamos um grande obsequio de sua parte.

— Dizei sem receio — retrucou o interpelado com benevolente sorriso.

Antero parecia hesitante, a jóven prosseguiu:

— Por nossa infelicidade, perdemos ao mesmo tempo um tio e uma prima, e desejariamos que seus tumulos ficassesem fronteiros.

— Isso não é difícil — retrucou o eclesiástico — mas, como talvez não ignorem, as autoridades religiosas ordenaram a abertura de certa zona do cemitério aos que possam concorrer para as nossas obras pias com os óculos mais vultosos. Assim sendo, poderemos atender ao vosso desejo, mas, isso custará mais cincuenta francos.

— Pagaremos de bom grado — declarou o sobrinho de D. Inácio, mais animado.

— Agora, reverendo, ainda um outro favor — acrescentou a filha de Jaques resolutamente — precisamos ver o local em que foi sepultada Madalena Vilamil, nossa prima, na data de ontem.

O abade tomou, maquinalmente o caderno e perguntou:

— Madalena Vilar?

— Ha evidente equívoco — interpôs a moça acompanhando a leitura — o nome de família é Vilamil. Rogo-lhe o obsequio de uma corrigenda.

O superintendente esboçou um sorriso e explicou:

— A retificação, porém, custa mais cincuenta francos. Não vos admireis, filhos, a caridade da Igreja assim exige.

— Do melhor grado — redarguiu Suzana sem vacilação.

O abade Montreuil retificou o nome, mas Suzana ainda não se dava por satisfeita.

— Agora — disse ela com naturalidade — desejo uma certidão, ou cópia dos registos.

O reverendo não teve dificuldade de atender ao novo pedido, depois de exigir mais umas dezenas de francos.

A prima de Cirilo, não obstante a paisagem fúnebre do momento, não dissimulava a satisfação que lhe ia nalma. Ao retirar-se, depôs nas mãos do superintendente surpreso a quantia de cem escudos, assim dobrando as exigencias de sua tabela.

O sepulcro destinado ao fidalgo espanhol foi escolhido junto ao presumido tumulo da filha. Consumara-se o passo decisivo para a dolorosa modificação do destino de nossos personagens.

Com energia incrivel, Suzana cooperou em todas as providencias necessárias ao sepultamento de D. Inácio, valendo-se de Pierre nesse sentido. Em seguida, mandou que o servo a esperasse no posto de muda a poucos quilómetros de Paris e auxiliou Antero até que Madalena convalescesse. Para o sobrinho dos Vilamil, essa colaboração foi preciosa, permitindo-lhe reparar a fadiga imensa. Desejosa de captar-lhe uma simpatia cada vez mais profunda, a jóven irlandesa tudo fez pelas melhorias da enferma, esforços esses que Antero acompanhava com um sorriso de sincero reconhecimento.

Ao fim de uma semana, Madalena caminhava para uma franca convalescência. A morte do progenitor causara-lhe profunda consternação, mas a esperança de reunir-se em breve ao espôso, renovava-lhe as energias.

Ante suas perguntas afetuosas, Suzana explicava que o pai não pudera vir a Paris, por ter sido igualmente empestado, mas haveria de o fazer, tão logo lho permitissem as fôrças restauradas.

— E Cirilo? — perguntou, logo que voltara a si do estado delirante — não ha em Blois noticias de sua chegada a América?

— Por enquanto, nada de positivo — esclarecia a outra.

Mas, ensaiando a trama do criminoso drama, acentuava:

— Amigos recentemente chegados do Ulster afirmaram-nos que duas embarcações do capitão Clinton haviam naufragado no litoral da colonia distante, mas, até agora temos esperado, ansiosamente, informes detalhados do sinistro.

A pobre senhora retrucou, muito pálida:

— Como isso me assusta! Espero em Deus que nada haja acontecido de mal, pois de ha muitos meses venho entregando Cirilo á proteção da Virgem Santissima.

— Tambem eu — retrucou a jóven — estou certa de que a Providencia Divina não nos esquecerá.

Decorrida a semana que assinalara as melhorias promissoras de Madalena Vilamil, entre conversações afetuosa no dominio das palavras, Suzana Duchesne Davenport regressou ao lar, levando ao pai a noticia das dolorosas ocorrências.

O generoso Jaques teve um profundo abalo. Ao saber que os Vilamil haviam desaparecido em circunstancias tão trágicas, sentiu-se inconsolavel. Revia ainda, na imaginação, a resignação silenciosa de Madalena por ocasião da morte de D. Margarida e lembrava, com espanto, o modo pelo qual insistira para que ela o acompanhasse a Blois. Tinha a impressão de ouvir as negativas reiteradas de D. Inácio e sua oposição irredutivel ao convite afetuoso. Concluia, então, que, certamente, interferiram nas fatos os ascendentes da Vontade Divina, que lhe não era dado conhecer ou investigar. Durante um mês, não deixou um só dia de confuir-se em dolorosas recordações. E estava, na verdade, exhausto. Enfraquecido pela enfermidade crûel, a convalescência parecia prolongar-se indefinidamente, pela sua invariavel tristeza. A retina dos olhos fatigados, desdobrava-se a fila dos alunos mortos. Muitas crianças de Blois haviam sucumbido, nada obstante a relativa benignidade do mal, nos ambientes campesinos. O bondoso educador pensava na reabertura das aulas, grandemente apreensivo. Um dia a filha

aproximou-se do seu banco, entre as arvores farfalhantes do parque e dirigiu-lhe a palavra comovidamente:

— Papai, tudo tenho feito para que seus sofrimentos sejam atenuados e suas lágrimas menos abundantes.

— Ah! minha filha, não te incomodes por mim — exclamou em tom de suprema resignação — as lágrimas que menos dilaceram a alma devem ser as que nos caem dos olhos aliviando o coração.

— Hoje, porém, noto que o senhor está mais triste — acrescentou afetiva.

— A resposta do Sr. Antero de Oviedo, descrevendo-me os derradeiros sofrimentos de Madalena muito me comoveu. A pobrezinha deveria ter padecido muito, antes de entregar a alma a Deus. De qualquer modo, porém, essa carta veio encerrar o capítulo das minhas preocupações, pois nutria certas dúvidas relativamente à criança. Agora, fico sabendo que a primeira flor do matrimônio de Cirilo não chegou a desabrochar. E enquanto ele enxugava uma lágrima, Suzana acrescentava:

— Meu pai, nunca experimentei tanta angústia em França, como agora. Em cada canto tenho a impressão de contemplar fantasmas de amarguras a perseguirem-nos sem tréguas. Não lhe parece razoável a idéia de nos juntarmos aos nossos parentes lá na América? Aqui em Blois, desapareceram com a peste devastadora os alunos que mais o compreendiam. Carolina parece não se lembrar mais de nós, e quanto aos laços que prendiam Cirilo a París, restam apenas dois tumulos tristes no Cemitério dos Inocentes.

Jaques Davenport fitou a filha lacrimosa e exclamou:

— Tens razão.

Olhou o recinto enorme e silencioso, pareceu escutar atento o sussurro das frondes balouçadas pelo vento e falou:

— Quando Cirilo partiu, outros eram meus planos, mas agora meu velho parque também está morto. O frio mais doloroso é o da desilusão e da saudade, minha filha...

Suzana não insistiu. Compreendeu que aquelas palavras equivaliam a compromisso firmado para o futuro.

Daí a dois meses, pai e filha realizavam uma romaria ao tumulo de Madalena. Providenciaram para que fôssem as sepulturas assinaladas por lousas preciosas. Sobre a de D. Inácio o professor de Elois mandou colocar uma cruz; mas identificando a campa onde supunha descansar aquela a quem amara como filha, elegeu para ornamentá-la a formosa figura de anjo trazendo na destra um róseo coração, atravessado por um punhal, ignorando a extensão do grandioso símbolo. Também mandaram gravar epitáfios de saudade e fé, em frases afetuosa. Jaques fez ainda questão de visitar a casa de Santo Honorato, onde se haviam desenrolado os lutoosos acontecimentos. Encontrando-a fechada, indagou da vizinhança relativamente aos criados, de vez que Antero de Oviedo, na missiva que lhe enviara para Blois, datada de Versailles, participava a decisão de regressar à Espanha dentro de poucos dias. Fabiana havia falecido mas a outra serva e o lacaio haviam conseguido escapar à morte. O professor procurou visita-los na residência de Santa Genoveva, onde trabalhavam, sendo que ambos se diziam informados por Antero, do falecimento da jóven senhora e do velho patrão, cuja perda recordavam chorosos.

Em París, após o regresso de Suzana para Blois, a situação continuou muito mais triste e estranha para Madalena, incapaz de avaliar toda a trama dolorosa que lhe negrejava o destino.

Seu estado geral melhorou e no entanto, segundo previra o padre Bourget, os pés lhe ficaram inértes, quasi paralíticos. Enquanto se mantinha imóvel, as dores se atregavam, mas, tentasse soerguer-se e andar, logo reapareciam as sensações estranhas, forçando-a a sentar-se no leito. O primo, porém, desfazia-se em atenções e desvelos. Tão logo voltou Suzana á casa paterna, ele

providenciou a mudança para Versailles, com assentimento da enferma, ela mesma ansiosa por outro ambiente e crente de que isso lhe atenuaria o mal-estar orgânico. O sobrinho de D. Inácio notificou às relações mais íntimas dos Vilamil, — como, por exemplo, as famílias de Colete e Cecilia — o passamento do velho fidalgo e da filha, acrescentando informações sobre a situação dos respectivos tumulos no Cemitério dos Inocentes. Aos vizinhos, fez constar os mesmos informes com mensagens verbais aos velhos servos, caso escapassem dos martírios da rua do Forno.

Asseguradas todas as providências de conformidade com a sua argúcia psicológica, tratou da mudança para Versailles, efetuando-a alta noite e valendo-se da confusão ainda reinante no bairro desorganizado pelas consequências da epidemia devastadora. Ao raiar de um dia lindo, Antero chegou com a convalescente a pequena cidade da Côte, onde se instalou numa casa confortável dos arredores.

A necessidade de uma servicial de confiança era o que mais se impunha. Um amigo indicou-lhe uma orfã castelhana, de nome Dolores, que havia perdido a mãe, única pessoa de família que lhe restava na vida, entre os mortos de Vincennes. A pobre criatura fôra apanhada semi-morta, na estrada de Evreux, quando tentava fugir dos tristes quadros parisienses. Estava quasi restabelecida e podia prestar ótimos serviços. O sobrinho de D. Inácio procurou-a e de fato encontrou nessa jóven de vinte anos, de tez amorenada — pois descendia de pai outrora escravo — uma companheira abnegada para Madalena, que a recebeu de braços abertos, num verdadeiro transporte de consolação e de alegria.

Sob o guante das provações que a sitiavam, a esposa de Cirilo não conseguia dissimular a estranheza que lhe causava a falta de notícias do professor de Blois. Debalde escrevera-lhe duas longas cartas, mal podendo imaginar que haviam de ser consumidas pelo primo, encarregado de as expedir, e assim se mantinha de coração pressago.

Ao fim de algum tempo, nasceu-lhe a filhinha sob

a assistência carinhosa de Dolores, que se revelou irmã dedicada e fiel, nas mínimas circunstâncias. O advento encheu a casa de brando conforto e Madalena, guardando a recém-nascida nos braços, com infinito carinho, chamou-lhe Alcione, pela primeira vez. Longa missiva foi escrita a Jaques e entregue ao primo, mas este que a reduziria a cinzas instantes depois, já se encontrava sumamente preocupado com a demora da mensagem de Blois, anunciando o suposto desaparecimento de Cirilo.

Sómente depois de um mês do nascimento da menina, chegava a Versailles extensa carta de Suzana, participando, em nome de Jaques, o suposto falecimento de Cirilo Davenport. A missiva desdobra-se em considerações dolorosas, ao mesmo tempo que procurava confortar a viúva na sua grande dor. A jóven comunicava igualmente que havia resolvido mudar-se para a Irlanda, onde o pai desejava juntar-se a alguns parentes, e lá esperar o seu termo de vida. Prometia escrever-lhe futuramente, dando informes mais minuciosos da nova situação.

Antero, fingidamente comovido, leu a carta á pobre moça, — que não desejava outra causa senão morrer, ali mesmo, na imensidão da sua desdita. Quasi paralítica, Madalena Vilamil era obrigada a chorar diante do primo e de Dolores, que, em vão procuravam consolá-la.

Sentia-se só e desamparada no mundo. Cirilo era a sua derradeira esperança na Terra. Coração sufocado de angústia, rememorou a infância, a primeira juventude cheia de cuidados por sua mãe, e lembrou a figura do mendigo de Granada, que lhe predissera dissabores e amarguras no porvir. Estava doente, sem o arrimo afetuoso de ninguém, sentia-se a mais desditosa das criaturas. Debalde a nova serva rodeou-a de gentilezas carinhosas.

A' noite, Antero aproximou-se fundamente sensibilizado e falou-lhe com brandura:

— Madalena, nem tudo está perdido.

— Nada mais me resta — murmurou entre lágrimas — tenho lutado corajosamente contra a adversidade, mas agora...

O primo sentou-se ao seu lado e continuou:

— E's moça e Deus não te negará saude para reconquistar a felicidade que parece destruída. Poderás contar comigo em todas as circunstancias. Tambem sou um homem e não me faltam energias para vencer nas lutas mais ásperas.

A prima contemplou-o através do véu de pranto, para verificar a diferença de expressão magnética daquelas palavras em confronto com as vivas recordações do espôso. Cirilo tambem lhe falava assim, nas horas tristes, mas seus gestos e mesmo a entonação da voz eram profundamente diversos. Num instante, comprehendeu até onde Antero desejava chegar, reconhecendo que poderia estima-lo como a um irmão; jamais, porém, poderia aceitar-lhe o velho sonho conjugal, de outros tempos.

— Não duvido da sua amizade valiosa — esclareceu a suposta viúva com delicadeza fraternal; mas a morte de Cirilo deixa-me aniquilada para sempre.

— Mas tens uma filha a exigir teus desvelos — advertiu algo enciumado, apelando para os seus sentimentos de mãe.

Madalena tomou Alcione ao colo, como a buscar o derradeiro motivo do seu apêgo ao mundo, enquanto o rapaz continuava:

— Não te deixes abater por impressões transitórias. A luz volta do céu, diariamente, a alegria se renova sempre. A ventura tornará depois dos dias amargosos de adaptação aos novos hábitos. Tenho pensado nas muitas dores que nos provaram na França e tambem estou ansioso por mudar de vida. Dize uma palavra e levar-te-ei aonde quiseres. Não desejarias ir á nossa Espanha muito amada? Se te prover, tornaremos a Granada, a-fim-de recordar nossa infancia feliz e descuidosa. Veremos de novo o céu da pátria e Alcione crescerá á sombra do nosso afeto.

À tais palavras comovedoras, Madalena quis dizer que desejava ir para Blois imediatamente, a-fim-de ajoelhar-se aos pés de Jaques, implorando-lhe não a abandonasse com a criancinha. Suplicar-lhe-ia que a levasse consigo para a Irlanda, depois de confiar-lhe suas gran-

des máguas. Poderia, então, esperar tranquilamente a morte, confiando-lhe Alcione como sua própria filha. No entanto, lembrou que o educador e Suzana haviam sido muito reservados na sua mensagem dolorosa. Ambos deviam conhecer a enormidade da sua angústia, os apuros em que se via e, nada obstante, não lhe haviam mandado siqueir um convite para acompanhá-los na Irlanda. Não seria justo perturba-los. Além disso, guardava nítidas as reminiscências da fase difícil, enfrentada por ocasião da longa moléstia de sua mãe. Possivelmente, o tio de Cirilo havia de acolher-lhe as súplicas com a sua bondade inata, mas, ponderou que Suzana talvez lhe respondesse como a senhora de Saint-Medard. Depois de muito refletir, voltou a dizer:

— Compreendo que minha filha necessita da minha assistencia constante e que não devo desanimar, mas a verdade é que me sinto desorientada e doente. Como encarar a possibilidade de mudanças se nem posso locomover-me?

— E para que servem os carros? — disse ele enternecido — poderemos partir quando quiseres. Alcione terá minha afeição paternal e quando te restabeleceres has de reconhecer que a ventura tem modalidades infinitas.

Madalena concentrou-se um instante e declarou:

— De nada valem as mudanças quando padecemos de males incuráveis; mas, se fôsse possível, partiria para o Connecticut, a-fim-de colher as derradeiras noticias de Cirilo. A carta de Blois conta que o naufragio ocorreu nas costas da colonia. Quem sabe se foram salvos alguns naufragos? A família Davenport compunha-se de várias pessoas. Minha sogra parecia uma criatura virtuosa e santa. E' bem possível que lá esteja e me receba com carinho. E' verdade que não me conhecem, mas tenho as cartas afetuosas que me escreveram de Belfast, elas me identificariam.

Assim discorrendo, tinha os olhos brilhantes nessas evocações.

— Quem sabe os sobreviventes foram recolhidos por mãos piedosas? — prosseguia mais animada. — talvez

ainda encontre o tumulo de Cirilo para cobri-lo de flores.

Antero, que a ouvia atencioso, obtemperou:

— De pronto não podemos cogitar de viajem tão longa, mas poderemos regressar á Espanha e lá tenta-la a qualquer tempo. Não faltam por lá embárcações seguras e confortaveis.

— Rogarei a Deus nos conceda essa graça.

— E eu não descansarei enquanto não tiveres essa alegria — concluiu o rapaz, revelando extrema dedicação.

Mais algumas palavras fraternais e Madalena ficou só, novamente entregue ás suas penosas recordações. Apagado o candelabro, a sombra como que lhe aumentava a angústia. Não obstante as afirmativas animadoras do primo, fazia questão de examinar a extensão de sua máguia inconsolavel. Ainda que atingisse a América, que encontrasse o túmulo do marido e conhecesse todos os pormenores da catástrofe, não deixaria de padecer com a sua viuvez e a orfandade da filha. Se chegasse a abraçar Constancia, seria para chorar, sem esperança de júbilos novos. Sentia-se doente, abatida, desesperançosa. E se não mais conseguisse caminhar com agilidade? Não seria um especre acorrentado á cama, um fardo sacrificante para outrem? Em vão, tentava coordenar planos. Por outro lado, não acreditava no absoluto desinteresse do primo. Cedo ou tarde, êle talvez lhe viesse falar de amor. Não seria temeridade aumentar sua dívida de gratidão? Poderia receber-lhe os favores, aceitar-lhe a dedicação, mas, se um dia êle resolvesse exigir o impossivel?

A filha de D. Inácio sentia-se morrer. Enquanto se debulhava em lágrimas silenciosas, sinistra idéia se lhe embutiu no cérebro atormentado. Não era preferivel morrer? Acariciou a sugestão, alucinada. Viuva, reconhecia-se desamparada e inutil. Sabia de mulheres que haviam procurado a morte por motivos fúteis. A intenção sinistra avolumava-se-lhe no cérebro. Recordou o vidro minúsculo, no qual o pai sempre guardara um tóxico fulminante. Bastariam algumas gotas num cálice dágua. Se não fôsse possivel arrastar-se alguns passos, pediria a Dolores que lhe trouxesse como simples calmante para

conciliar o sono. Dessarte, não seria pesada a ninguem, não precisaria temer a influencia indefinivel de Antero, nem suplicar a piedade dos Davenport.

Presa da tentação que a empolgava sutilmente, ia chamar a serva em voz alta a-fim-de consumar o sinistro desejo, quando Alcione chorou de mansinho reclamando-lhe os cuidados.

Assustou-se como a despertar de um pesadelo. Fez um movimento instintivo com os braços para atender a criancinha, mas a destra que se movia na sombra esbarrou no crucifixo que lhe fôra dado por sua mãe, na véspera de morrer. A pequena cruz caiu-lhe sobre o coração, como se valesse advertencia indireta e profunda. Pareceu compreender a magnitude do apêlo, pensou sinceramente em Jesus, tal como fizera um dia na via pública de Paris, e dispôs-se a confortar a filhinha. Nesse gesto, porém, aguardava-a uma surpresa ainda mais singular. Alcione tinha os bracinhos em movimento, como se a buscasse com ânsia, e tão logo se viu envolvida na sua ternura, agarrou-se-lhe ao pescoço comprimindo-o com as delicadas mãosinhas. A pobre mãe teve a impressão de que a recem-nascida lhe pedia socorro e buscava um doce refúgio no seu seio de mãe. Compreendeu a silenciosa mensagem de Deus, no imo do coração. A emoção que lhe timbrava nas fibras mais íntimas, fê-la dobrar-se em lágrimas e beijos sobre a pequenina.

Assim foi que a filha de D. Inácio, singularmente comovida, murmurou aos ouvidos de Alcione:

— Não chores mais, filhinha! Jesus compadeceu-se da minha alma atormentada... Ficarei contigo até o fim!...